

## **“ACESSIBILIDADE ESTÉTICA” PARA DEFICIENTES VISUAIS**

**Virgínia Kastrup** é doutora em Psicologia pela PUC-SP e professora-associada do Instituto de Psicologia e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Pesquisadora na área da deficiência visual, com vários artigos e livros publicados, concede entrevista para a revista *Benjamin Constant* sobre suas recentes investigações e projetos desenvolvidos que aproveitam a parceria com o Instituto Benjamin Constant.

Contato: [virginia.kastrup@gmail.com](mailto:virginia.kastrup@gmail.com)

### **BC - Como você relaciona estética e cegueira?**

**Kastrup** - *Em termos de pesquisa, a articulação entre arte e cegueira possui, a meu ver, duas abordagens. A primeira consiste na investigação da representação do cego na literatura, na pintura e outras formas de expressão artística. A pesquisa da Zina Weygand é muito importante nessa área. Ela mostra como, desde a Idade Média, as fábulas e o teatro profano trazem a figura do cego bufão, desajeitado e grosseiro, bem como do cego mendigo, geralmente acompanhado de um guia. Também é muito comum a figura do falso cego, que explora a caridade das pessoas. Tais personagens podem inspirar o riso, o terror, a repugnância ou a compaixão. Muitas vezes, a ausência de visão simboliza o obscurecimento da inteligência e mesmo uma cegueira moral. De modo geral, a cegueira vem associada a uma condição degradante. Outras vezes, o cego é apresentado como uma pessoa dotada de uma vidência especial e de uma capacidade mística. Há incontáveis aplicações metafóricas do termo cegueira no domínio do conhecimento e no domínio moral, significando confusão do juízo, privação da reflexão, do discernimento e da razão. São em sua maioria representações negativas, com ênfase na deficiência. Eu procuro seguir a outra abordagem. Penso que a arte pode abrir caminhos e perspectivas inusitadas para pessoas com deficiência visual, tanto aquelas cegas quanto as com baixa visão. Isso vale tanto para as que já nasceram cegas quanto para as que vieram a perder a visão precoce ou tardiamente. A experiência da perda da visão pode assumir a extensão de uma experiência de perda generalizada, ou seja, o sentimento de que tudo foi perdido: a alegria, o trabalho, mas também a dignidade e a autonomia, enfim, o lugar no mundo. Mais do que perda da identidade, experimenta-se, muitas vezes, a perda do mundo ao seu redor, pois a interrupção de rotinas leva consigo uma rede de relações e, enfim, grande parte das conexões com o mundo. As pessoas sentem-se muitas vezes solitárias e atingem um grau de extrema vulnerabilidade.*

**BC - Na segunda abordagem, os sujeitos da pesquisa são os produtores e apreciadores da arte, e não personagens. Qual a importância das experiências artísticas em grupos de convivência e em oficinas para o deficiente visual e desses mesmos espaços para a observação do pesquisador?**

**Kastrup** - Nesse contexto, as oficinas de práticas artísticas são muito potentes. Sua função por vezes é apresentada como sendo a de ocupação do tempo e de saída da ociosidade; outras vezes é a capacitação profissional que ganha destaque. Embora essas funções existam, elas não tocam o ponto essencial. Em meu entendimento, o que caracteriza em primeiro lugar a oficina é que ela é um espaço de aprendizagem inventiva. As oficinas são espaços de fazer junto. Trabalha-se em grupo em um processo de criação coletiva. O processo de aprendizagem inventiva se faz por meio do uso da arte, que envolve o trabalho com materiais flexíveis, que se prestam à transformação e à criação. Na pesquisa que realizamos aqui no Instituto Benjamin Constant (IBC), na oficina de cerâmica coordenada pela Clara Fonseca, fomos capazes de acompanhar um trabalho maravilhoso, muito potente nessa direção. Há efeitos notáveis de produção de subjetividade, ao mesmo tempo em que ocorre a produção das peças de cerâmica. Nesse caso, o processo de criação é, ao mesmo tempo, um processo de autocriação. O encontro com o barro é também ocasião para o encontro consigo mesmo. É nesse sentido que afirmamos que a prática com a cerâmica virtualiza a subjetividade, produzindo novas atualizações. Há também outras oficinas que vêm produzindo efeitos muito interessantes, como as de corpo, movimento e expressão, desenvolvidas pela Laura Pozzana, doutoranda da UFRJ (Universidade Federal do Rio de Janeiro), e a coordenada pela Marcia Moraes, da UFF (Universidade Federal Fluminense), ambas aqui no IBC.

**BC - Explique o Projeto Experiência Estética e Transmodalidade: fundamentos cognitivos para museus acessíveis a pessoas deficientes visuais.**

**Kastrup** - Trata-se de um projeto que desenvolvo desde 2011, como pesquisadora do CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico), para trazer uma contribuição, em termos de pesquisa, para o desenvolvimento de programas de acessibilidade para pessoas com deficiência visual em museus com a necessária e desejável qualidade. A acessibilidade de pessoas deficientes a museus é hoje um imperativo, ao mesmo tempo em que constitui um grande desafio. No Brasil, a acessibilidade ganhou, em 2010, o estatuto de política pública do Ibram, Instituto Brasileiro de Museus, do Ministério da Cultura. Um dos maiores desafios é como desenvolver dispositivos e estratégias para que pessoas cegas e com baixa visão tenham acessibilidade física, acessibilidade à informação e acessibilidade estética. A acessibilidade estética, que é o foco da minha pesquisa, inclui a apreciação tátil das obras e enfrenta diversas barreiras, que envolvem resistências de curadores e o pouco conhecimento das necessidades cognitivas especiais desse tipo de público. O objetivo do projeto é desenvolver ferramentas teórico-conceituais no campo da psicologia cognitiva para orientar programas de acessibilidade, no que concerne a práticas de mediação e dispositivos táteis de tradução de obras de arte. O projeto envolve uma pesquisa teórica sobre o tato em seu caráter cognitivo, histórico, etológico, neurofisiológico e estético, além de uma investigação sobre a experiência cognitiva em sua dimensão de

*transmodalidade, que responde pelo atravessamento entre diferentes sentidos. O projeto inclui também uma pesquisa de campo em museus de arte que oferecem programas de acessibilidade para deficientes visuais na cidade do Rio de Janeiro, utilizando o método da cartografia desenvolvido por mim, Eduardo Passos e Liliana da Escóssia em 2009 e, após a visita, entrevistas com os participantes.*

**BC - Como se deu o desenvolvimento do Projeto Práticas Artísticas e Construção da Cidadania com pessoas com deficiência visual, aqui no IBC?**

**Kastrup** - *O projeto foi realizado em colaboração entre o NUCC, Núcleo de Pesquisa Cognição e Coletivos do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UFRJ, a equipe da UFF, coordenada pela professora Marcia Moraes, e o Instituto Benjamin Constant. O objetivo geral foi investigar as relações entre práticas artísticas e construção da cidadania: oficinas de cerâmica, expressão e experimentação corporal, literatura, audiodescrição de filmes e acessibilidade em museus. O projeto visou a contribuir para a inclusão da pessoa com deficiência visual na vida cultural da cidade, tanto no que se refere ao fazer artístico quanto à sua fruição. O desenvolvimento do projeto se deu com a participação efetiva de pessoas com deficiência visual em todas as etapas da pesquisa, daí a formulação do PesquisadorCOM, que tem marcado nossa orientação metodológica. O sucesso do projeto deveu-se, em grande parte, à instalação de uma estação de trabalho inclusiva no Instituto Benjamin Constant, com equipamentos, computadores, softwares e outros itens que permitam o trabalho conjunto entre os membros do projeto, sejam eles videntes ou deficientes visuais. O projeto resultou no livro Exercícios de ver e não ver: arte e pesquisa COM pessoas com deficiência visual, publicado pela Nau Editora em 2010. É um livro que ficou muito bonito pela contribuição inovadora que ele traz e que inclui, como não poderia deixar de ser, um CD com os textos, sendo acessível às pessoas com deficiência visual.*

**BC - Como acontecem os Encontros Multissensoriais e como está sendo a parceria com o MAM? Quais os resultados para a inclusão social e cultural do deficiente visual?**

**Kastrup** - *É um projeto que vem sendo desenvolvido desde março de 2011, por meio de uma colaboração entre o Núcleo Experimental de Educação e Arte do MAM (Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro) e o NUCC. Foi uma ideia que surgiu de uma conversa entre o Guilherme Vergara e eu no Fórum Nacional de Museus, em Brasília, onde falamos sobre acessibilidade estética, acolhimento de pessoas cegas em museus e sobre os efeitos que poderiam ser gerados pelo encontro de cegos e videntes, com seus modos distintos de experimentar a arte e a vida, para ambos os grupos. Fizemos uma experiência de trabalho conjunto na exposição Helio Oiticica: Museu é o mundo, onde trabalhamos na formação de duas mediadoras cegas, em parceria com uma estagiária da psicologia. Foi uma experiência muito interessante de acessibilidade às avessas, pois eram elas que guiavam os videntes. No Museu de Arte Moderna do Rio os Encontros Multissensoriais são desenvolvidos com grupos heterogêneos, promovendo encontros entre cegos e videntes. O primeiro eixo da nossa política é a acessibilidade. Há um compromisso com o acolhimento das pessoas deficientes visuais, ou seja, o MAM abre suas portas para pessoas cegas e com baixa visão, preparando-se para acolhê-las, por*

meio de um conjunto de ações que inclui formação de funcionários para a recepção adequada desse grupo de visitantes, preparação dos mediadores, que participam de todo o processo de criação e avaliação dos encontros, sensibilização da museologia e discussão conjunta sobre as obras a serem disponibilizadas ao toque. O segundo eixo da política visa aos visitantes videntes. Os Encontros Multissensoriais não são voltados apenas para quem não vê, mas também para quem dispõe da visão. Sabemos que um dos desafios dos museus hoje é fazer com que as pessoas se entreguem efetivamente à experiência das obras expostas. Há na contemporaneidade aceleração cognitiva, hiperatividade sensorio-motora, consumo voraz de informação e exposição permanente ao bombardeio de imagens visuais pela mídia. A atenção passa, mas não dura, não mergulha. Então imaginamos que a experiência coletiva, tátil e multissensorial, poderia concorrer para a ampliação da experiência de todos os participantes. O foco do projeto é a acessibilidade estética, que é distinta da acessibilidade física e à informação. Para isso, as obras são exploradas pelos diferentes sentidos, sobretudo pelo tato. O projeto é experimental: não existe e nem pode existir uma fórmula pronta. Qualquer projeto de acessibilidade depende largamente das características do acervo do museu e das exposições que ali acontecem, bem como da disposição da museologia para permitir o toque das obras. Isso significa que um projeto dessa natureza toca a política do próprio museu no que concerne ao acolhimento de novos públicos, além daquele que habitualmente frequenta esse tipo de espaço. Apresentamos o projeto à direção do MAM, que de saída se mostrou bastante aberta e favorável à ideia. Depois disponibilizou um ônibus para o transporte e assegurou a gratuidade do ingresso para os cegos e seus acompanhantes. O projeto é desenvolvido em parceria com o Instituto Benjamin Constant, onde são realizadas as inscrições no setor de Reabilitação. Investimos na divulgação dentro do IBC e também na mídia, para termos também um público espontâneo. O projeto é muito bonito, pois há ali uma intensa troca de experiências e uma grande aprendizagem coletiva. Muitos visitantes relatam que é a primeira vez que vão a um museu. Parece que têm gostado, pois muitos retornam. É nossa intenção a formação de um público por meio de um programa regular. A ideia é que as pessoas se lembrem que existem os Encontros Multissensoriais e que eles virem uma referência. As pessoas que participam de um encontro devem poder voltar nos próximos. Por isso, cada encontro é diferente dos outros e acontece sempre no último sábado do mês.

### **BC - Alguma contribuição dessas experiências já foi implantada em museu ou em outro espaço cultural?**

**Kastrup** - Estamos divulgando o projeto em congressos e outros fóruns de discussão sobre acessibilidade em museus, e o projeto desperta sempre grande interesse. Esperamos que a ideia se propague e que surjam outras iniciativas inovadoras, mas sem fórmulas.

### **BC - O que é a Rede de Acessibilidade a Museus?**

**Kastrup** - A RAM, Rede de Acessibilidade em Museus, surgiu no I Seminário Estadual sobre Acessibilidade em Museus no Rio de Janeiro, que organizamos em 2011 juntamente com a Superintendência Estadual de Museus e o Núcleo Pró-Acesso, da UFRJ. A RAM tem como objetivo reunir profissionais e pessoas interessadas no tema, para troca de experiências, visando ao desenvolvimento de programas de qualidade. Ela é atualmente coordenada pela Isabel Portella,

*museóloga do Museu da República. Temos um blog, <[www.acessibilidadenosmuseus.blogspot.com](http://www.acessibilidadenosmuseus.blogspot.com)>, no qual as reuniões são divulgadas. Demos o start, mas ainda temos que manter a RAM viva, e para isso contamos com a participação de todos os interessados.*